

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos. “«Aqui Nasceu Portugal» - Da Sublimação do Castelo de São Mamede em Guimarães à sua Conversão em Arquétipo Cultural do Castelo Português”. In: ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana Cristina; BARREIRA, Hugo (ed.). *Genius Loci: Lugares e Significados*. Porto: CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2017, vol.2, pp.159-169.



CITCEM

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



GENIUS LOCI

LUGARES E SIGNIFICADOS
PLACES AND MEANINGS

20-22 ABRIL/APRIL 2016

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

“AQUI NASCEU PORTUGAL” – DA SUBLIMAÇÃO DO CASTELO DE SÃO MAMEDE EM GUIMARÃES À SUA CONVERSÃO EM ARQUÉTIPO CULTURAL DO CASTELO PORTUGUÊS

JOAQUIM MANUEL RODRIGUES DOS SANTOS*

Resumo: Uma das portas fortificadas da cidade de Guimarães exhibe orgulhosamente a prosaica expressão “Aqui Nasceu Portugal”, sendo o seu altaneiro castelo geralmente referido como o “Berço da Nação”. De facto, o Castelo de São Mamede encarnou a representação de herói nacional na memória portuguesa, incorporando-se como um emblema patriótico que se instituiu como símbolo do nascimento de Portugal. Disso mesmo nos reporta a imagem de Afonso Henriques erguendo a sua espada com o castelo de Guimarães por detrás, tornando-se um dos símbolos da identidade nacional. Este castelo ganhou na cultura portuguesa um estatuto de elemento fulcral para o processo de fundação e formação de Portugal, assumindo o papel de testemunha e participante directa do nascimento pátrio, tornando-se alvo da veneração popular.

Palavras-chave: Castelo de Guimarães; Alexandre Herculano; Imagética cultural; Mitificação ideológica.

Abstract: One of the fortified gates of the city of Guimarães proudly shows the prosaic sentence “Aqui Nasceu Portugal” (“Here Was Portugal Born”), being its soaring castle generally referred as the “Cradle of the Nation”. In fact, for the national memory, the castle of Guimarães personified the national hero, being incorporated as a patriotic emblem and instituted as symbol of the birth of Portugal. The image of king Afonso Henriques lifting his sword in front of the castle of Guimarães is one of the Portuguese national identity symbols. This castle acquired, among the Portuguese culture, a status of fundamental element in the process of foundation and formation of Portugal, assuming the role of witness and direct accomplice in the country’s birth, becoming revered by the Portuguese people.

Keywords: Castle of Guimarães; Alexandre Herculano; Cultural imagery; Ideological mystification.

* ARTIS – Instituto de História da Arte/ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



Imagem 1.

Porta fortificada de Guimarães exibindo a frase “Aqui Nasceu Portugal”.

Fonte: Joaquim Rodrigues dos Santos

O CASTELO DE SÃO MAMEDE EM GUIMARÃES ENQUANTO SÍMBOLO NACIONAL

Em meados do século XX existia em Portugal uma imagem cultural do castelo medieval que Damião Peres, considerado o grande historiador do regime ditatorial português do Estado Novo, havia descrito como:

Em regra geral, o castelo era uma edificação complexa, constituída essencialmente por uma alta torre central, a chamada torre de menagem, em volta a qual se estendia um terreiro maior ou menor, com casas de habitação e arrecadações, tudo cercado por uma linha de muralhas, cujo traçado dependia da configuração do terreno, e sobre as quais se alongava um corredor (adarve) defendido por um parapeito coroadado de ameias ou cortado de seteiras, ao qual se subia por escadas de pedra adossadas às paredes interiores da muralha. Duas portas, pelo menos, se abriam nas muralhas, uma ampla, a principal, e outra tradicionalmente chamada porta da traição, esta de proporções modestas, por isso facilmente defensável, situada um tanto dissimuladamente em conveniente ponto da muralha, quanto possível afastada daquela, e dando saída para os campos no caso do castelo adstrito à defesa de uma povoação. A espaços, e pelo menos aos lados da porta de entrada, erguiam-se torreões igualmente ameados. Por vezes havia uma outra linha de muralhas, mais avançada e menos alterosa, chamada barbacã, onde os atacantes encontrariam a primeira resistência. Dominando o conjunto erguia-se a torre de menagem,

mole quadrangular de grossíssimas paredes, rasgadas de onde a onde por estreitas frestas, pelas quais recebiam escassa luz os seus três ou quatro pisos, e na qual se entrava por uma porta situada não ao nível do solo, mas na altura do primeiro andar, dando-lhe acesso uma escada volante, de madeira, portanto. Eventualmente, se a porta ficava à altura do adarve fronteiro, comunicava com este por uma ponte, fácil de retirar ou cortar. Um terraço cimeiro, dotado de parapeito ameado, completava esta capital peça de castelo¹.

Esta imagem-tipo do castelo medieval português, muito aproximada da descrição física do Castelo de São Mamede em Guimarães – e à qual, aliás, não terá sido alheia a tipificação –, é atualmente desvalorizada nos meios académicos da história da arquitetura; mas foi, contudo, uma imagem predominante a partir de meados do século XIX, tendo chegado inclusivamente à atualidade. A esta imagem associou-se uma imagem ideológica: a visão do primeiro rei português, D. Afonso Henriques, erguendo a sua espada e tendo como pano de fundo o Castelo de São Mamede, estará ainda, nos tempos atuais, profundamente enraizada na memória de muitos portugueses, demonstrando a importância atribuída aos castelos – e particularmente ao castelo vimaranense – como um dos grandes símbolos da sua identidade nacional.



Imagem 2.

Cartaz comemorativo da Fundação de Portugal, mostrando o primeiro rei português, Afonso Henriques, erguendo a sua espada frente ao Castelo de São Mamede em Guimarães.

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

¹ PERES, 1969: 19-22.

Mas foi somente após a implantação do regime liberal em Portugal, no segundo quartel do século XIX, que se deu o impulso para o reconhecimento e preservação deste património arquitetónico, sobretudo dos monumentos considerados essenciais para a herança histórica nacional, entre os quais se encontravam os castelos medievais e, muito particularmente, o Castelo de São Mamede. Este simbolismo, consolidado no século XX, através do qual o castelo de Guimarães se constituiu, na sociedade portuguesa, como um elemento fundamental para a construção da identidade de Portugal e se tornou um grande símbolo nacional venerado e protegido, terá tido origem no século XIX. Este castelo começou, pouco a pouco, a ser considerado um testemunho do nascimento da Pátria portuguesa.

Foi o regime ditatorial do Estado Novo que contribuiu enormemente para a sublimação do Castelo de São Mamede como “Berço da Nação” e que explorou ideologicamente a figura do próprio castelo medieval como sendo um herói nacional. Como menciona Luís Cunha, os heróis nacionais funcionavam como um reflexo da alma da nação, transcendendo a sua singularidade para encarnar valores nacionais perpétuos; era em torno dos heróis nacionais que se geravam extensos consensos nacionais cuja evocação reforçava a unidade da nação, o que serviu também para legitimar discursos ideológicos nacionalistas².

O Castelo de São Mamede foi amiúde retratado heroicamente, como vigoroso baluarte defensivo de D. Afonso Henriques contra o seu primo Afonso VII de Leão e Castela, ou como testemunha privilegiada da Batalha de São Mamede, que opôs o jovem infante à sua mãe D. Teresa, Condessa de Portucale. As próprias fortificações medievais, cujo papel na formação de Portugal havia sido fundamental, motivou uma personificação do castelo medieval como herói nacional e, nesse sentido, o aproveitamento do simbolismo destes monumentos por parte do Estado Novo possuiu o propósito de fortalecer ideologicamente a sua posição.

A EXISTÊNCIA DE UM ARQUÉTIPO CULTURAL DE “CASTELO PORTUGUÊS”

O regime ditatorial do Estado Novo considerava que as fortificações medievais, além de elementos simbolicamente fundamentais para a construção da identidade portuguesa, se estabeleciam como marcos de identificação e controlo territorial, pelo que se converteram num instrumento portador das mensagens ideológicas geradas pelo Estado Novo. A Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais assumiu as directrizes ideológicas do regime relativamente às intervenções

² CUNHA, 1998: 265-266.

patrimoniais, nomeadamente a realização de intervenções de reintegração nas fortificações medievais, com objectivo de restabelecer a sua forma prístina.

O caso mais paradigmático foi a reintegração do Castelo de São Jorge em Lisboa. Oliveira Salazar considerava que o conjunto fortificado lisboeta deveria de dominar espiritualmente o país como uma acrópole sagrada nacional e lugar de eleição para as peregrinações patrióticas. Terminada a intervenção no Castelo de São Jorge, este apresentava mudanças radicais em relação ao seu estado anterior: a sua imagem após o restauro afastava-se substancialmente das suas representações iconográficas antigas. E examinando as intervenções executadas noutras fortificações medievais na mesma época, observa-se a intenção de se recompor uma imagem tipificada. As opções tomadas nos restauros foram seguramente condicionadas pela existência de uma imagética cultural que estabeleceu decisivamente os enquadramentos formais e visuais das intervenções, seguindo uma imagem dominante na sociedade portuguesa.

Poderia explicar-se assim o motivo porque o Castelo de São Jorge em Lisboa, depois da reintegração, havia adquirido uma imagem algo diferente do perfil que teria possuído anteriormente. De facto, mais do que tentar resgatar a forma prístina da fortificação, a intervenção logrou transformar a estrutura defensiva num castelo baseado na imagem cultural do castelo medieval português, que se considerava a mais adequada para uma “acrópole nacional”. O Castelo de São Jorge converteu-se num avatar do Castelo de São Mamede em Guimarães, que encarnava o perfil idealizado do “castelo português”. Nesse sentido, a fortificação medieval de Lisboa adquiriu uma imagem pertencente a um momento intemporal e que inclusivamente poderia não ter existido nunca.

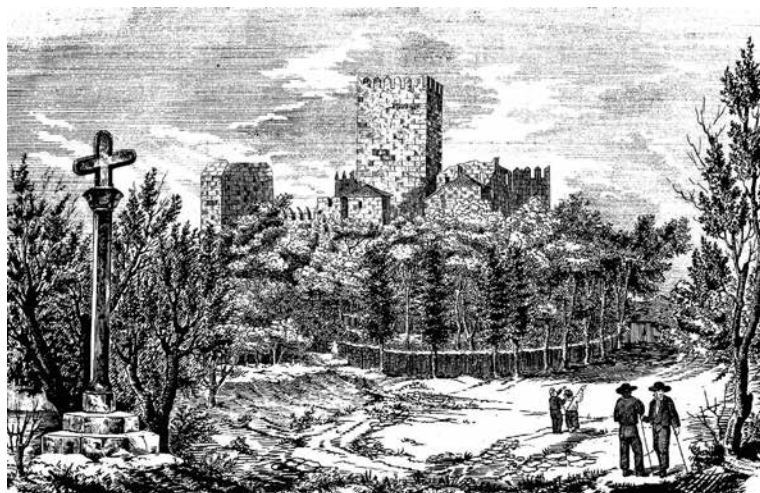


Imagem 3.
Gravura publicada
em 1858, represen-
tando o Castelo de
São Mamede em
Guimarães.
Fonte: A Ilustração
Luso-Brasileira

A existência de uma imagem cultural do “castelo português” no seio da sociedade portuguesa pressupôs a realização de uma sondagem para avaliar essa possibilidade³. Esta sondagem consistiu na apresentação de 10 imagens de edifícios acastelados imaginários, para as quais os participantes – portugueses apenas – deveriam de escolher a região cultural na qual supostamente se situariam. Pôde-se deduzir, a partir dos dados obtidos, que a estrutura fortificada mais consistentemente eleita como castelo português possuía uma imagem baseada precisamente no Castelo de São Mamede, mostrando uma predileção por estruturas edificadas de índole marcadamente defensiva e com um perfil extremamente particular, composto por muralhas ameadas, torres defensivas e torre de menagem.

A análise da imprensa periódica ilustrada oitocentista em Portugal mostra-nos também que a generalidade das imagens denominadas como <castelo> e referentes a Portugal ilustravam edifícios com características físicas idênticas ao perfil anteriormente traçado⁴. Porém, muitas das imagens provenientes das áreas de influência britânica, germânica ou francófona e denominadas como <castelo> representavam edifícios palacianos com função civil (residência nobiliárquica). Essa discrepância poderia ser resultado da tradução directa dos termos estrangeiros <castle>, <château> ou <schloß> para <castelo>, sem considerar a diferença etimológica e semântica do significado. Estas palavras estrangeiras deveriam de ter sido traduzidas também por <paço/palácio> ou mesmo <paço acastelado>, consoante a sua pertinência e conforme se apurou no estudo da evolução etimológica e semântica destes termos. Este facto contribuiu para incutir, no seio da sociedade portuguesa, uma distinção entre os castelos portugueses e os castelos dos outros países, potenciando essa imagética cultural do “castelo português”.

ALEXANDRE HERCULANO E A MITIFICAÇÃO DO CASTELO DE SÃO MAMEDE

O principal responsável pela origem da sublimação do Castelo de São Mamede em Guimarães foi muito provavelmente Herculano. Historiador, romancista, jornalista e, em determinados períodos, também político, a sua influência cultural sobre o país foi bastante significativa, sobretudo por via do muito popular periódico *O Panorama*, do qual era responsável e onde costumava publicar textos com grande frequência. Foi neste periódico que em 1843 Herculano publicou o seu romance

³ Os dados referentes à sondagem encontram-se desenvolvidos em SANTOS, 2012.

⁴ A análise da imprensa periódica ilustrada do século XIX em Portugal encontra-se desenvolvida em: SANTOS, 2007.

histórico *O Bobo*, em cuja trama explorou o Castelo de São Mamede como componente crucial da acção. O argumento decorre durante a época de formação de Portugal (inícios do século XII), existindo uma dupla intriga literária: a amorosa (dama que inspira paixão aos cavaleiros) e a política; em torno desta última desenvolve-se a componente histórica, abordando um evento decisivo para formação de Portugal como país independente.

A intriga política no romance centra-se na disputa pelo poder no Condado Portualense, entre a condessa D. Teresa e o seu filho D. Afonso Henriques, de que resulta a vitória dos partidários do jovem infante na Batalha de São Mamede (1128). Para vários historiadores portugueses, esta batalha foi o momento determinante para o nascimento de Portugal, pois possibilitou a tomada do poder por D. Afonso Henriques, o prosseguimento da política independentista face ao Reino de Leão e Castela, e a estratégia expansionista do território. Segundo a tradição, situando-se o lugar da batalha no Campo de São Mamede, junto ao castelo vimaranense, este último considerava-se, por isso, uma testemunha privilegiada dos eventos históricos, e foi essa vertente simbólica que Herculano fez transparecer para o seu romance, convertendo a fortificação medieval no cenário principal do enredo novelesco e num protagonista silencioso que incorporava o papel de testemunha excepcional da história.

O edifício foi elevado à categoria de personagem, a que se atribuiu qualidades humanas que qualificavam simbolicamente a respectiva comunidade onde se situava:

O castello de Guimarães, qual ahi existia nos principios do século 12.º, differenciava-se entre os outros, que cobriam quasi todas as eminencias das honras e préstamos de Portugal e da Galliza, por sua fortaleza, vastidão, e elegancia. A maior parte dos edificios desta especie eram apenas então um aggregado de grossas vigas, travadas entre si, e formando uma serie de torres irregulares, cujas paredes, muitas vezes feitas de cantaria sem cimento, mal resistiam aos golpes dos arietes e aos tiros das catapultas, ao passo que os madeiros que ligavam esses fracos muros, e lhes davam certo aspecto de fortificação duradoura, tinham o grave inconveniente de poderem facilmente incendiar-se⁵.

Herculano caracterizou o Castelo de São Mamede como forte, vasto e elegante, diferente de todos os outros castelos peninsulares que, apesar da sua aparente força, eram um débil aglomerado de diferentes materiais sem o cimento necessário para os unir robustamente; de igual modo, a existência de Portugal face a Espanha seria fruto de uma forte vontade colectiva do povo português, mais que de condicionantes geográficas, étnicas ou culturais. Este eufemismo metafórico presente no romance aludia claramente ao facto de Espanha ser um país constituído por várias

⁵ HERCULANO, 1843: 19-20.

Imagem 4.
Vista do Castelo de
São Mamede em
Guimarães.
Fonte: Joaquim Rodri-
gues dos Santos



nações (com vários povos, línguas, culturas, etc.) e que, por isso mesmo, apesar de possuir grande dimensão, poderia facilmente espalhar-se devido à falta de uma unidade e vontade como a existente em Portugal, que impediu ao longo de séculos a integração no país vizinho.

Nos aspectos simbólicos, a intensa vontade de independência do povo português seria simbolizada por Herculano no cimento que possibilitava a robustez do <Castelo de São Mamede / povo português> e a sua diferenciação dos outros <castelos / povos> ibéricos, visto que estes, apesar de aparentarem um enorme poderio, não possuíam <cimento / vontade> suficientemente forte para convertê-la numa <fortificação / país> uno que agregasse de maneira sólida os seus diversos <materiais / povos>. O Castelo de São Mamede simbolizaria então essa independência do país face ao Reino de Leão e Castela; tinha sido também a sede do governo do Condado Portucalense, onde se começou a forjar a independência; assim como cenário privilegiado da referida Batalha de São Mamede e palco da resistência portuguesa protagonizada por Afonso Henriques face ao cerco por parte do monarca leonês Afonso VII, que tentava submeter novamente ao seu poder o condado rebelde.

O CASTELO DE SÃO MAMEDE COMO PROTÓTIPO DA IMAGÉTICA CULTURAL DO “CASTELO PORTUGUÊS”

No romance *O Bobo* Herculano efectuou ainda uma descrição Castelo de São Mamede, onde este estaria envolto por uma barbacã e um fosso largo e profundo; as muralhas coroadas por ameias possuiriam um adarve largo, frestas, balcões e

torres adossadas; a entrada consistiria numa porta flanqueada por duas torres, e por uma poterna escondida numa das torres existentes. No interior do castelo existiria o alcácer e a torre de menagem (com uma masmorra na sua base). Não obstante, a descrição do castelo não corresponde integralmente à realidade existente no século XIX, e menos ainda com a realidade do século XII. É possível que Herculano tenha idealizado um tipo de castelo medieval existente em Portugal, que depois transpôs para o Castelo de São Mamede, adaptando-o à realidade existente.

De facto, Herculano possuía bastantes conhecimentos sobre as fortificações portuguesas: os primeiros textos de índole castelológica em Portugal foram por si elaborados e publicados nas páginas do periódico ilustrado *O Panorama*, reflectindo a sua investigação historiográfica. Os seus ensaios proto-castelológicos *Milicia na Idade Media* (2º)⁶ e *Antigos Castellos e Alcaides Móres*⁷, publicados respectivamente em 1838 e 1844, apresentavam preocupações de inserção contextual não só a nível cronológico, mas também de âmbito económico, etimológico, sociocultural, táctico-militar e arquitectónico, alguns já com um grau de rigor relativamente elevado:

Estas torres eram ordinariamente no Alcaler, nome que se dava ao palacio ou casa fortificada no interior do castello, na qual residia o alcaide-mór, e que tambem se chamava alcaceria, alcáçova, ou alcaceva; posto que alcaceva mais commummente signifique fortaleza velha ou arruinada. Tambem era, provavelmente, nestes paços fortificados que estavam as torres albarrans, onde se guardavam os dinheiros públicos (...).

As fortificações dos castellos compunham-se a principio de uma muralha, que o cercava em volta, sem outra regra, ao que parece, mais do que as ondulações do terreno. Nesta muralha ou cerca se alevantavam torre de espaço em espaço, denominadas cubellos, bastilhões e camaranchões, isto tudo era rodeado pela cava, ou carcova, fóra da qual ficava um parapeito a que chamaram primeiro barbas-caãs e depois barbacans (...). O alto dos muros era coroadado de ameias, por entre as quaes os de dentro faziam toda a casta de tiros, quando eram accommettidos. Havia tambem setteiras nas torres; estas setteiras apparecem abertas até nas ameias de alguns antigos castellos nossos. Em varias sitios dos muros, e principalmente juncto das portas, havia certas frestas inclinadas para baixo, por onde se podia a cuberto ver o sopé do muro, e fazer para alli tiros. Chamavam a isto os francezes machicoulis; e porventura era o mesmo que os portuguezes denominavam balhesteira ou besteira (...). Tinham os castellos, além das portas principaes, que geralmente eram levadiças, uma porta escusa chamada da traição, por onde os sitiados saíam a fazer arremetidas, a recolher mantimentos, e por onde muitas vezes fugiam, vendo-se em grande aperto. Nas torres ou sitios mais alto do castello eram as atalayas, onde se punham homens que tinham o mesmo nome, para vigiarem os inimigos, e d'alli se faziam signaes com fachos a pedir socorro; a estes fogos chamavam almenaras. A torre de menagem era talvez o

⁶ HERCULANO, 1838: 18-20.

⁷ HERCULANO, 1844: 335-337.

*mesmo que o Alcacer fortificado: porque esta torre era o ultimo abrigo dos defensores de qualquer castello, e onde o alcaide-mór sustentava no ultimo trance a menagem que tinha feito ao rei ou senhor de quem dependia. Estas torres ainda hoje se encontram nos castellos arruinados de Portugal*⁸.

Herculano descreveu genericamente os castelos portugueses, atribuindo-lhes uma imagem formal supostamente estabilizada e omitindo todo o processo evolutivo dos edifícios fortificados, a sua cronologia, as suas especificidades e condicionantes (regionais, culturais, sociológicas, arquitectónicas, geográficas, etc.), inconscientemente ou por inexistência de conhecimentos suficientes. Desse modo, generalizou num único protótipo toda a panóplia de castelos medievais existentes em Portugal. A descrição deste protótipo aparentemente correspondia ao perfil do Castelo de São Mamede em Guimarães – mas também a uma parte significativa do padrão associado aos castelos de finais da Idade Média em Portugal.

A SUBLIMAÇÃO DO CASTELO DE SÃO MAMEDE EM GUIMARÃES

Consciente ou inconscientemente, Herculano terá contribuído decisivamente para elevar o Castelo de São Mamede ao nível de protótipo do “castelo português” e a um dos principais símbolos nacionais. O modelo de castelo medieval descrito por Herculano nos seus estudos castelológicos e mediatizado mediante a sua publicação na imprensa periódica ilustrada contribuiu enormemente para a posterior criação de uma imagem cultural do “castelo português”, que ainda permanece nos dias de hoje no seio da população portuguesa. Indubitavelmente que esta imagem cultural se identifica imediatamente com o castelo de Guimarães, mitificado por Herculano no seu romance *O Bobo* e nos seus estudos historiográficos. Esta imagem foi repetidamente referida nos estudos castelológicos que se seguiram aos de Herculano, e só nas últimas décadas essa imagem generalista começou a ser desvalorizada por estudos mais específicos e aprofundados.

A própria mitificação da fortificação vimaranense converteu-a num venerado símbolo nacional, o “berço da nação portuguesa”. Basta referir, a título de exemplo, uma obra existente no Palácio de São Bento em Lisboa, sede do parlamento português, onde se encontra uma destacada pintura mural elaborada em 1922 por Acácio Lino, intitulada *A Primeira Tarde Portuguesa*, que ilustra precisamente a Batalha de São Mamede ocorrida nos campos envolventes ao Castelo de São Mamede, o qual se pode observar no fundo da pintura. O poético título inspirou-se numa denomina-

⁸ HERCULANO, 1838: 18.



Imagem 5.
A Primeira Tarde Portuguesa, pintura mural de Acácio Lino realizada em 1922, existente no Palácio de São Bento em Lisboa.
Fonte: Arquivo Histórico Parlamentar da República Portuguesa

ção que havia sido criada precisamente por Alexandre Herculano, que considerava a batalha como um evento decisivo para a formação de Portugal – esse dia à tarde, após a batalha, seria para Herculano o primeiro dia do Portugal independente.

BIBLIOGRAFIA

- BARROCA, Mário (1992) – *Os Castelos*. In MATOS, Maria António Pinto de, coord. – *Nos Confins da Idade Média: Arte Portuguesa (Séculos XII – XV)*. Porto: Instituto Português de Museus – Secretaria de Estado da Cultura, p. 51-57.
- (1996) – *O Castelo de Guimarães*. «Património: Identidade, Ciências Sociais e Fruição Cultural», n.º 1. Cascais: Patrimónia – Associação de Projectos Culturais e Formação Artística, p. 17-28.
- BEIRANTE, Cândido & CUSTÓDIO, Jorge Raimundo (1979) – *Alexandre Herculano: Um Homem e uma Ideologia na Construção de Portugal – Antologia*. Amadora: Livraria Bertrand.
- CHAVES, Castelo Branco (1979) – *O Romance Histórico no Romantismo Português*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- CUNHA, Luís (2001) – *A Nação nas Malhas da sua Identidade: O Estado Novo e a Construção da Identidade Nacional*. Porto: Edições Afrontamento.
- HERCULANO, Alexandre (1838) – *Milícia na Idade Média (2º)*. «O Panorama», vol. 2, n.º 38. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, p. 18-20
- (1844) – *Antigos Castellos e Alcaldes Móres*. «O Panorama», vol. 8, n.º 148. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, p. 335-337.
- (1992) – *O Bobo*. Lisboa: Editora Ulisseia.
- PINA, Luís de (1933) – *O Castelo de Guimarães*. Vila Nova de Gaia: Edições Pátria.
- SANTOS, Joaquim Rodrigues dos (2007) – «Este Antigo Castelo tinha Recordações de Glória...» – *A Imagem do Castelo Medieval na Imprensa Periódica Ilustrada em Portugal no Século XIX*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Tese de Mestrado.
- (2012) – *Anamnesis del Castillo como Bien Patrimonial: Construcción de la Imagen, Forma y (Re) Funcionalización en la Rehabilitación de Fortificaciones Medievales en Portugal*. Alcalá de Henares: Escola de Arquitectura da Universidade de Alcalá. Dissertação de Doutoramento.
- THIESSE, Anne-Marie (2000) – *A Criação das Identidades Nacionais*. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais.
- TOMÉ, Miguel (2002) – *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*. Porto: FAUP Publicações.